

Reavaliando a fraseologia III – viajando em conjecturas

Jean Lauand¹

Resumo: Este artigo dá continuidade aos estudos de mesmo título (partes I e II) na *Revista Internacional d'Humanitats*, N. 36 e N. 37. Discute e propõe conjecturas de interpretação e datações – partindo do exame de jornais e revistas dos séculos XIX e XX – para expressões utilizadas no português do Brasil. Parte I em *Revista Internacional d'Humanitats* 36 e Parte II em RIH 37 (hottopos.com)

Palavras Chave: fraseologia. etimologias. português do Brasil. expressões idiomáticas.

Abstract: This article continues the studies of phraseology initiated in *Revista Internacional d'Humanitats* N. 36 e N. 37. Examining newspapers and magazines from 19th century to present it discusses and proposes some conjectures in order to understand the meaning of some Brazilian idioms.

Keywords: phraseology. etymologies. Brazilian idioms. datation.

Lançado em 1996, já vão para mais de 20 edições, pela Globo e pela Planeta, do livro de Mario Prata: *Mas será o Benedito? – Dicionário de provérbios, expressões e ditos populares*. Trata-se, como adverte o próprio autor, de um exercício jocoso e não de fraseologia séria e acadêmica. E essas versões fantasiosas, são por vezes tomadas por sérias e acabam até citadas em trabalhos acadêmicos...²

O que Mario Prata faz como “uma grande brincadeira” (“há apenas seis expressões que são do estudioso Câmara Cascudo. O resto eu inventei”) é por vezes praticado por outros autores que não têm o cuidado de avisar o leitor de que não dispõem de comprovações e suas contribuições são meras hipóteses, mais ou menos infundadas.

Neste artigo, farei algumas conjecturas, não no sentido fantasioso-lúdico de Prata, mas advertindo que se tratam de meras conjecturas, sem comprovação.

Rodar a baiana

Mesmo sites sérios como o noticias.terra.com.br ou o guiadoestudante.abril.com.br³ recolhem explicações *pratianas*, fantasiosas e inverossímeis:

Quando alguém ameaça com um “pare com isso ou eu vou rodar a baiana”, qualquer pessoa discreta pára na hora – ou, pelo menos, toma cuidado. A ameaça, na verdade, consiste em dar um escândalo público. Diferentemente do que possa parecer, essa expressão não tem sua origem relacionada à Bahia, e sim ao Rio de Janeiro. A região era palco, já no início do século 20, de famosos desfiles dos blocos de Carnaval.

No meio desses blocos, alguns espertinhos tascavam beliscões nas nádegas das moças que desfilavam. Para acabar com o problema, alguns capoeiristas passaram a se fantasiar de baianas, com direito a

¹. Prof. Titular Sênior da FEUSP e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaur@usp.br

². Como p. ex. em http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/20/TDE-2012-05-21T08:55:00Z-12276/Publico/Luciana%20de%20Souza%20Aguiar%20Zanardi.pdf, p.92. Acesso em 16-2-16.

³. <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/rodar-baiana-434708.shtml> Acesso em 16-1-16.

saia rodada e turbante na cabeça. Assim, ao primeiro sinal de desrespeito, aplicavam um golpe de capoeira. As pessoas que assistiam aos desfiles não entendiam nada: só viam a baiana rodar – e começar toda a confusão.

Na esteira de conjecturas aventureiras, atrevo-me a apresentar também uma para esta expressão, sem a menor pretensão de veracidade histórica, mas como simples fraca hipótese, que não pude comprovar.

Houaiss no verbete “baiana” dá uma acepção de “carona”. E, reciprocamente, no verbete “carona”:

peça de couro estofada e trabalhada, com bolsos para guardar roupas e utensílios, us. como forro e cobertura da sela; **baiana**

Assim, “rodar a baiana” não teria nada que ver com aquelas senhoras de pesados trajes típicos, mas seria a bolsa do cavaleiro, talvez com utensílios como ferraduras de reposição, ferramentas etc. que pode ser usada também para intimidar em eventual situação de perigo. Nesse caso, “rodar a baiana” pode ser tão ameaçador como a Mônica rodando o coelho Sansão... (ou aquelas outras senhoras rodando a bolsinha...).



Estar cheio de dedos

Paulo Rónai, em artigo no qual comenta frases feitas com base no corpo, diz:

Não menos sugestiva é a expressão *estar cheio de dedos*, que quer dizer se achar em grande confusão, sem saber o que fazer com as mãos. (Revista Américas dez. 1966)

Embora observador agudo e genial, Rónai neste caso não esclarece o sentido da expressão, aliás bastante antiga: já aparece com frequência na imprensa no início do século passado. “O Século”, de 27-4-1908, fala da tímida intervenção de um comissário de polícia, que, “cheio de dedos”, demora e hesita em investigar a fundo um misterioso crime ocorrido alguns dias antes.

Ou quando a “Gazeta de Notícias”, de 23-7-1912, noticia o constrangimento do presidente da mesa ante o pedido de um senador que requer nada menos do que a eliminação de todas as emendas a certo projeto. O presidente “ficou cheio de dedos para resolver o caso. Ageitou o pince-nez. Puxou a cadeira um pouco mais para a frente. Por fim perguntou: ‘O que foi mesmo que o nobre senador pediu?’”.

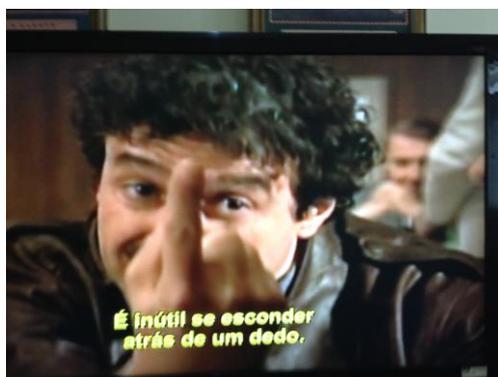
E é que – é a nossa conjectura – os temores levam a ficar “cheio de dedos”, que pretendem proteger ou esconder o rosto diante do perigo.

Assim, na cena da morte de Don Vito Corleone, em “O poderoso chefão”, quando o avô assusta o netinho, ameaçando-o com a careta da laranja na boca, o menino instintivamente fica “cheio de dedos”.



O italiano tem a expressão idiomática “*nascondersi dietro un dito*”, esconder-se atrás de **um** dedo: “desculpas inexistentes, sem consistência, frágeis, insuficientes, como um dedo atrás do qual alguém pretenderia se esconder...”, explica Fausto Raso no “Corriere della Sera”, de 18-12-2008⁴.

Assim, a situação é para estar cheio de dedos, porque um só não basta, tal como se vê (literalmente) na cena do filme “O Jantar” de Ettore Scola, na qual o personagem adverte um marido sobre sua manifesta situação familiar constrangedora:



Fiquei passado

A expressão é empregada já há muito tempo. Em “O Museo Universal”, de 10-8-1839, ao saber que a pessoa em quem confiara tinha fugido com o dinheiro, o personagem diz: “Fiquei passado”.

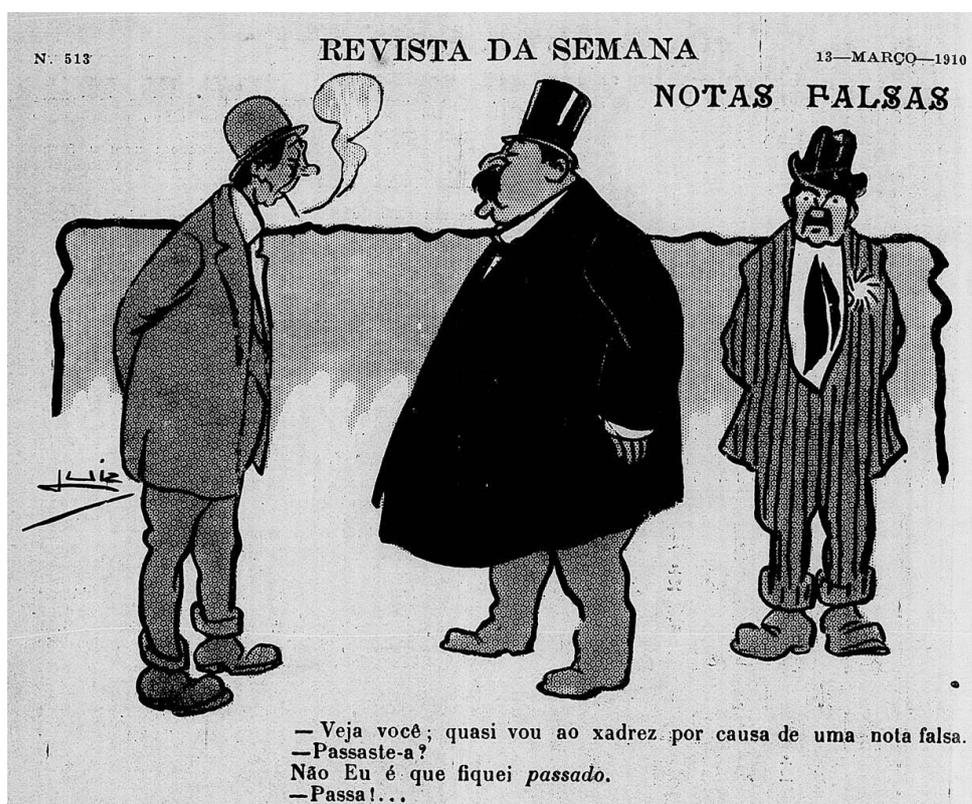
⁴. http://forum.corriere.it/scioglilingua/18-12-2008/nascondersi_dietro_un_dito-1171879.html?refresh_cp Acesso em 16-1-16.

Em 8-3-1860, em uma acirrada discussão de cartas de leitores do “Correio Mercantil”, o missivista diz “Fiquei passado ao ler uma correspondencia inserta em seu N. 37 etc.”

Na “Revista Illustrada”, de 29-1-1876, o cronista, que cai como um patinho na piada do amigo, faz um trocadilho com a expressão. Perguntou ao desenhista Valle:

- Como passas?
 - Pois eu não como.
 - O que?
 - Passas
- Fiquei passado com a resposta.

Também um trocadilho na piada de 1910:



“Ficar passado” não tem nada que ver com prazos de validade (nem com ferro de passar roupa...); mas no Brasil é empregada na forma reduzida da expressão “ficar (/estar) passado **da cabeça**”, como se usa em Portugal. A situação, revoltante, me convoca à ira, à perplexidade, a ficar à margem da razão, passado da cabeça, da razão...

Assim, um “utilizador”, furioso, com o “atendimento” da empresa de seu telefone, ameaça fazer escândalo, ir à polícia etc.:

(...) fazendo-me crer cada vez mais que houve ali marosca na loja, algum funcionário trocou o miolo do telefone com o de um amiguinho,

de certeza pelo ar de comprometidos. Estou cada vez mais passado da cabeça (...)⁵

Como era de esperar, a expressão é usada frequentemente por consumidores enganados:

“Boas, é pah hoje sendo feriado quis me meter em aventuras. Fui comprar um filtro do ar de competição com turbina, todo contente a montar e tal e o carro ligava e ia morrendo aos poucos. fui a loja e o crlh, eles montaram por alto isso, fiz a viagem ate casa tudo bem, cheguei a casa, e o carro pegava mas ia morrendo ao relentim. Fiquei **passado da cabeça**, e resolvi devolver ah [Firma Tal], e montar o filtro que tinha de origem, montei e etc.⁶”

Ou por torcedores revoltados: “Eu apoio muito as equipas portuguesas, e quando aquele árbitro roubou o Guimarães na Rússia, fiquei passado da cabeça.”⁷

Ficar privado da razão e do equilíbrio que ela dá, como nos versos de Shakespeare, referindo-se ao arrebatamento de um tirano luxurioso:

“Past reason hunted and, no sooner had, past reason hated.”

Passar batido

Também esta expressão é objeto de delírios categóricos. No “Yahoo Answers”, encontramos como “melhor resposta” para a questão “De onde vem o termo passou batido?”:

Das oficinas, esse termo foi criado na italia (ha battuto) depois de uma corrida em que Michael Schumacher bateu o carro, o deixando com avarias e mesmo assim conseguiu ultrapassar Barrichelo. Então o então mecanico chefe na época, Jean Thorpe disse, "passou batido", Schumacher venceu aquela corrida e a expressão se manteve⁸.

A expressão pode talvez ter ligações com outras, que também se referem à pressa (e à desatenção da pressa): “galope batido”, “caminho batido” e “rédea abatida”.

“A galope batido” é a toda velocidade. Já em 1895, lemos em “Cidade do Rio” (28-5-1895): “Depois de marchar duas semanas, dia e noite, a galope batido, deixando cavallos extenuados pelo caminho, correndo sempre, n’uma vertigem (...)”.

⁵. http://www.portaldaqueixa.com/comunicacoes-moveis-e-fixas/vodafone-apple-iphone-4s-destruido-internamente.html?fb_comment_id=411769722266780_2297927#.VsG8WEAp659 Acesso em 16-1-16.

⁶. <http://www.clubegolfpt.com/forum/viewtopic.php?t=89424> Acesso em 16-1-16.

⁷. <http://relvado.uei.pt/1-liga/rivalidades-regionais?device=desktop&page=2> Acesso em 16-1-16.

⁸. https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&as_q=%22passar+batido%20%22&as_epq=yahoo+answers&as_oq=&as_eq=&as_nlo=&as_nhi=&lr=&cr=&as_qdr=all&as_sitesearch=&as_occt=any&safe=images&as_filetype=&as_rights=#hl=pt-BR&as_qdr=all&q=%22batido%20%22+yahoo+answers%22+schumacher Acesso em 16-1-16.

O “caminho batido” (ou simplesmente “batido”= sem originalidade, banal – uma ideia batida, uma música batida) é o caminho usual, que todos trilham, que não oferece novidades. “Saindo do caminho batido dos professores rotineiros, o Sr. Dr. Joaquim Abilio tem o talento de ser novo e cheio de interesse (...)”, diz “O Paiz”, de 19-5-1892. E no *Novo dicionario critico e etymologico da lingua portugueza* de Francisco Solano Constancio, de 1836, consta: “rota batida – direto ao porto de destino, sem fazer escala ou se desviar do caminho”. Em inglês é muito frequente a expressão “(/off) the beaten path”, e, afinal, é pelo caminho batido, velho conhecido, que se pode correr – como diz a canção “Silhouete” de Avicii: “Non stop, we have the beaten path before us”.

A expressão “a rédea abatida” (ou rédea batida), segue a francesa *a bride abattue*: muito rapidamente, a toda velocidade. Em 1862, No “D. Jaime ou a dominação de Castela”, de Tomás Ribeiro, lemos:

os dois irmãos Aragões
cavalgam sobre os arçõs,
e caminho de Castella,
picam de rédea abatida.

E em 1908, em “Os quatro reis impostores”, de Marcelino Mesquita: “Ao sabê-lo a caminho do seu convento da Graça, fr. Miguel dos Santos, ainda a cavallo, coberto com o pó da batalha, correu lá, em rédea abatida”.

“Baita” e sua posição

Neste caso, uma questão de posição. Hoje empregado para substituir o “puta”, termo que se emprega antepositivamente como hiperbolizante, no sentido de 'enorme, fantástico, excelente, sensacional' etc.” (Houaiss), em expressões como: uma baita festa, um baita zagueiro etc., originalmente era usado sem essa posição antepositiva, como nos textos que lemos no “Jornal do Commercio” de Manaus, no começo do século XX: “Como poeta é baita, escreveu já o magnífico poema (...)” (4-5-1905); “Preparo aqui recepção baita” (20-3-1910); “(Leão feroz que chegou...) O bicho é baita” (29-5-1910); etc.

Ou em “Fon-Fon” “- Oh! açudão baita (...) - Isso não é açude, meu filho; é o mar” (15-11-1924); mas em 3-1-1931, na mesma revista “uma baita camoéca [embriaguez]”.

O ponto de transição parece estar na década de 30, talvez pelo surgimento do “puta” anteposto (?). A inversão de posição do “baita” aparece já em 1-12-1934 na revista “O Cruzeiro”: “(...) capaz de inspirar um ‘baita amor’ nas gentes”. E em 14-8-1937 na mesma revista “uma baita sorte”; “um baita azar” (1942) etc.

Legal

O uso de “legal” no sentido de “muito bom” parece surgir na década de 1940.

Claro que a tarefa de datação de gírias sempre encontra a dificuldade de que raramente as encontramos na imprensa em geral. Felizmente, no caso, podemos acompanhar o termo “legal” em revistas nas quais é de esperar mais facilidade de seu registro: “Revista do Rádio” (especialmente esta), “O Cruzeiro” e “Fon-Fon”.

Na “Revista do Rádio”, o primeiro uso inequívoco no sentido da gíria atual é de setembro de 1949 (junto com outras interessantes ocorrências da época...):

PALAVRAS... ★

Dez palavras amigas dos artistas de Rádio, porém, de pouco uso: TAL, LEGAL, GRANDE, SIMPÁTICO, GOZADO, BONITÃO E ABAFA.



Dez palavras inimigas dos artistas de Rádio porém muito usadas no momento: ABACAXÍ, FULEIRO, BAGULHO, DESAFINADO, CHATO, FEIO, CARECA, FANHOSO, PLÁGIO (agora é arranjo...) E GRITÃO.

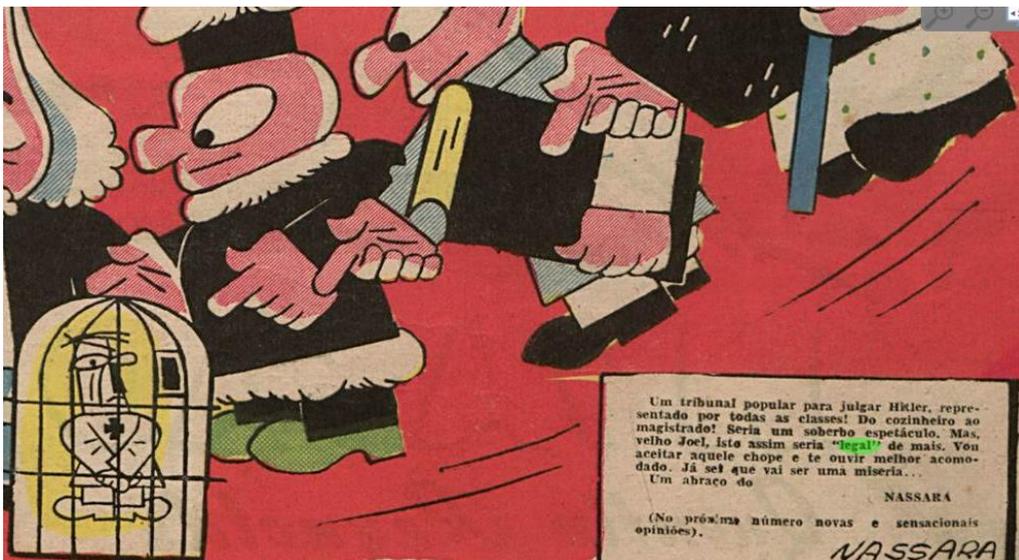
Três meses depois, encontramos, na mesma revista: “Quero que Papai Noel me arranje... uma loura e uma morena. Só assim ficarei legal com as duas.” E na década de 50 o uso já é muito mais frequente.

Em “O Cruzeiro”, em 9-10-1948, podemos ler: “

Não há de ser nada, Tio Sam, mande o nosso samba [embora] que nós sambaremos ele aqui, como bailamos os seus boogies. Está legal?

Mas a primeira aparição clara na revista é em 2-10-1943, na página satírica: “‘Minha Luta’, por Adolf Hitler”, na qual um missivista elogia a coluna: “Sua ‘Minha Luta’, onde estão contadas as mais descaradas aventuras de Adolfinho, não podia ser mais legal”.





“... Um tribunal popular para julgar Hitler (...) seria ‘legal’ de mais”.

Também “O Cruzeiro” usa “legal” progressivamente nos anos 50 (até com a forma “legalérrimo” etc.) e aparece até no “Amigo da Onça” (2-12-57).



“Desculpe, Doutor, o cozido não saiu lá muito legal porque o nosso cozinheiro anda meio adoentado [manchas de doença contagiosa]”

Na revista “Fon Fon” a primeira aparição é em 2-5-1942. Blota Junior, comentando os defeitos que interrompem a transmissão radiofônica, que desaparece e depois volta, conclui: “De novo tudo legal por aqui...”. E em 29-9-45, com uma observação que indica a novidade da expressão: “‘Tá legal’ – como diz a Linda Batista” (e em 26-3-57, a revista ainda diz que a expressão é de Linda Batista: “... lá estará a grande Linda Batista, com o seu [!] conhecido ‘tá legal’”)

E mesmo em 1956 (20-10) critica o samba “Castigou legal”, gravado por “Os Cariocas”: “Quem inventou o bikini, (...) a cachaça, (...) o Flamengo, (...) a mulata (...), Castigou legal, legal... Esse foi legal!”. E reprovava a canção, dizendo que: “‘Castigou legal’ não é expressão de domínio público, por conseguinte, não justifica u’a música” (“castigar”, usava-se também com o sentido de trabalhar com apuro: “Garçom, castiga um filé aí!”; ou executar, interpretar: “castigar um samba” - Houaiss).

Recebido para publicação em 01-02-16; aceito em 28-02-16